

REDE EM REVISTA



ANO 1
VOLUME 1
MAIO DE
2014

ENTREVISTA
MARIA LUISA ORTÍZ

PORTUGAL
CONFERÊNCIA SOBRE O
FUTURO DA LÍNGUA
PORTUGUESA

CHINA
O ENSINO DO
PORTUGUÊS NA CHINA

ARGENTINA
A CONSTRUÇÃO DO CENTRO
CULTURAL BRASIL-ARGENTINA

PARAGUAI
COLÉGIO EXPERIMENTAL
PARAGUAI-BRASIL

LÍBANO
MÚSICA NO APRENDIZADO
DE PORTUGUÊS



PORTUGUÊS COMO
LÍNGUA DE HERANÇA
PROJETOS FORTALECEM PONTES ENTRE GERAÇÕES

Apresentação

Em 2013, a Rede Brasil Cultural – responsável pelas ações do Ministério das Relações Exteriores na promoção da língua portuguesa – ganhou uma marca que traz as cores brasileiras, todas em perfeita harmonia, com limites que são curvas e não arestas. A Rede e a sua marca passaram a refletir valores típicos do Brasil.

Presente em mais de quarenta países, a Rede Brasil Cultural abrange, atualmente, vinte e quatro Centros Culturais, cerca de quarenta Leitorados e cinco Núcleos de Estudo. Informações sobre cada uma dessas iniciativas, bem como notícias sobre suas atividades passaram a ser veiculadas em uma moderna página de Internet, o ponto de encontro digital dos elos de promoção da cultura brasileira no exterior.

No contexto de tantas atividades, está sendo publicada a primeira edição da “Rede em Revista”. Esta publicação contribui para dar visibilidade a projetos exitosos realizados por Centros Culturais, Núcleos de Estudo e Leitores em todo o mundo. Desse modo, permitirá que experiências bem sucedidas em um lugar possam inspirar projetos semelhantes em outros.

A logomarca, a página na Internet e, agora, a revista constituem elementos que unem as instituições integrantes da Rede Brasil Cultural e, por isso, conferem coesão ao conjunto. Essas iniciativas contribuem para conectar os diversos elos e fortalecer o sentimento de que somos todos parte da Rede.

Esta primeira edição traz artigo sobre a construção do Centro Cultural Brasil-Argentina. Apresenta, também, o relato da criação de um projeto no Centro de Estudos Brasileiros de Assunção/Paraguai que estimula o aprimoramento de professores que ensinam o português como língua estrangeira. Outra experiência de destaque vem daquela região, onde a Leitora junto ao Colégio Experimental Paraguai-Brasil descreve seu projeto de ensino de português para estrangeiros em conjunto com a alfabetização na língua materna. O “português como língua de herança” é trabalhado em dois artigos, sobre os cursos realizados pela Rede Brasil Cultural com esse tema. O Centro Cultural Brasil-Líbano relata a inusitada experiência de aprender português por meio da música brasileira. Uma das leitoras que atua na China discute suas experiências no ensino de português, com ênfase na importância das similitudes e diferenças culturais. Compartilha-se relato da II Conferência sobre o Futuro da Língua Portuguesa no Sistema Mundial, foro realizado em outubro de 2013 que traçou importantes linhas para a difusão global do idioma. Por fim, os leitores poderão conferir as redações vencedoras do I Concurso de Redações da Rede Brasil Cultural.

Nesta edição

4

ENTREVISTA

Entrevista com Maria Luisa Ortíz
Pedro Gomides e Carlota Ramos

6

PARAGUAI

No Paraguai, Centro de Estudos cria Núcleo para aprimoramento de professores de português como língua estrangeira
Aldo Solalinde

7

PARAGUAI

No Colégio Experimental Paraguai-Brasil, crianças familiarizam-se com o Português desde as séries iniciais
Terezinha Juraci Machado da Silva

9

CURSOS

Português como língua de herança foi tema de Curso de Capacitação e de Atividades Culturais

10

SUIÇA

Restaurando heranças dilapidadas: O ensino do português como legado de pais para filhos
João Domingos Batiston Bimbato

12

LÍBANO

No Líbano, música brasileira dá o tom no aprendizado de Português

13

CHINA

O ensino do Português na China e a Construção de conexão entre culturas
Larissa Costa da Mata

16

PORTUGAL

Conferência sobre o futuro da língua Portuguesa decide temas prioritários para promoção do idioma no mundo

17

ARGENTINA

A construção do Centro Cultural Brasil-Argentina (CCBA)
Aurimar Nunes

19

CONCURSO

Redações vencedoras do concurso:
“A Diversidade da Música Popular Brasileira”

3º lugar: Carolina Sánchez Tagle

2º lugar: Fernando Cotignola

1º lugar: Lionella Saiz Sirainen



Maria Luisa Ortíz

Caminhando entre fronteiras

Português, russo e espanhol borbulham no caldeirão de uma cubana que ensina o idioma do Brasil a estrangeiros

Maria Luisa Ortíz é uma cubana que estudou linguística em Moscou e dá aulas, no Brasil, de português brasileiro para estrangeiros. A definição sucinta não abrange todas as atividades da professora, mas evidencia sua principal característica: a longa e plural formação, obtida por meio de trajetória singularmente internacional.

No começo dos anos 1980, as relações entre Cuba e a União Soviética renderam-lhe a oportunidade de cursar um mestrado no Instituto Superior Pedagógico de Moscou. Depois de oito anos no mundo eslavo, volta ao país de origem. Surpreende-se com uma reorientação da política cubana, que a leva a lecionar português. Em 1992, formou-se em língua portuguesa e literatura luso-brasileira na Universidade de Havana. Dois anos depois, viu-se convidada a exercer o magistério no interior de Minas Gerais. Pouco tempo após a chegada a São João Del Rei, foi aprovada na seleção de doutorado na Unicamp.

O Brasil revelou-se um destino. Nos anos 2000, ingressou na Universidade de Brasília, onde percorreu caminho que culminou na direção do Instituto de Letras. Atualmente, é professora no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UnB, onde também, em homenagem às origens de sua maturação intelectual, dá aulas de russo em cursos de extensão.

Em colaboração com a Rede Brasil Cultural, a professora já ministrou diversos cursos de capacitação para professores de Centros Culturais Brasileiros. Não apenas transmite aos docentes da Rede avanços metodológicos no ensino do Português como Língua Estrangeira. Acostumada ao vaivém entre fronteiras, Maria Luisa Ortíz revela segredos do ensino em ambientes multiculturais. Não raro, dá lições de vida.

Quais os avanços e os obstáculos no ensino de Português como Língua Estrangeira (PLE) no exterior?

Em face do grande interesse pelo português, manifestado por diversos cidadãos estrangeiros, desde o empresário ao trabalhador em busca de boas oportunidades profissionais, há iniciativas exitosas. O estabelecimento da Rede Brasil Cultural é uma delas. Permanece, contudo, um desafio: ampla capacitação de professores brasileiros que possam promover o idioma, em países estrangeiros, com base em conhecimento técnico. A relevância do português no cenário internacional requer preparação e capacitação programática de docentes. Há, contudo, bem poucos cursos de PLE no Brasil. A licenciatura em ensino de português como segunda língua da Universidade de Brasília e a especialização em PLE na Universidade Federal do Pará são projetos pontuais. Poderia haver, por parte das universidades brasileiras, maior investimento nessa modalidade de ensino, o que deveria inserir-se em um programa estratégico de divulgação do idioma.

Qual a importância do material didático em sala de aula?

O material didático é uma muleta do estudante, a ser usada, sobretudo, quando ele não está imerso no contexto linguístico. O livro é apenas uma das vias, já que o conceito de “material” é amplo. Ainda assim, é um instrumento útil, que poderia existir, em nosso mercado editorial, em maior abundância. Há muitos profissionais capazes de elaborar livros bons, com abordagem adequada e eficiente utilização de cores. São poucas as editoras, contudo. Apesar da escassez, permanece uma regra de ouro: todo material deve ser testado exaustivamente antes de ser aplicado.

Como não negligenciar os aspectos gramaticais do ensino de PLE, indubitavelmente importantes, sem incorrer em métodos repetitivos de memorização?

Minha abordagem não é gramaticista. A gramática está incorporada ao texto, mas não é o destaque do método. Difunde-se, equivocadamente, a ideia de que o aprendizado de um idioma é o aprendizado de sua gramática. É mais do que isso. Prefiro ter em mente o conceito de gramática pedagógica: transmito aos alunos as estruturas que estão em uso, na forma em que são aplicadas no cotidiano. O professor, para não prender-se ao anacronismo da memorização, deve sempre adaptar-se às necessidades dos alunos.

De que forma o contato com expressões idiomáticas facilita o aprendizado de línguas estrangeiras?

Deve-se distinguir língua formal e língua oral. Ambas devem ser estudadas. No caso da segunda, há contato direto com elementos culturais dos falantes nativos. A comunicação intercultural é parte do aprendizado da língua oral. Sabe-se, afinal, que a língua é expressão eminente da cultura de um povo, entendendo-se “cultura” em sua acepção antropológica (hábitos e costumes de determinada comunidade). As expressões idiomáticas são portas de entrada para a compreensão da cultura do estrangeiro. Tem-se, por exemplo, o “apareça lá em casa” do português brasileiro. Eventualmente, um estrangeiro, ao ouvir um brasileiro despedir-se com essa frase, pode entender que de fato deve prestar-lhe uma visita em algum momento. Em uma boa aula de PLE, o estrangeiro saberá que o “apareça lá em casa” é uma forma de fazer o interlocutor sentir-se mais à vontade.

A senhora poderia mencionar algumas diferenças no ensino de PLE para crianças e para adultos?

Um adulto tem mais informações sedimentadas, ao passo que uma criança tem um cérebro menos carregado. Percebo, por exemplo, que os adultos, por já terem internalizado diversas regras sociais, sentem-se com frequência mais inibidos, ao passo que as crianças, menos marcadas por experiências traumáticas, abrem-se mais facilmente ao aprendizado de idiomas estrangeiros. Fatores como memória, nível de alfabetização na língua materna e motivação mudam significativamente de acordo com a faixa etária. Uma dica que dou a professores de PLE é o estudo das ideias de Jean Piaget [importante estudioso suíço da teoria do conhecimento, ou epistemologia], que, em seus trabalhos, definiu quatro estágios do desenvolvimento cognitivo no ser humano.

Como os familiares de crianças imigrantes ou de ascendência brasileira podem incentivar o aprendizado do português em ambiente doméstico?

É inegável a relação profunda entre língua e identidade. Em casa, é importante que os pais promovam o uso da língua materna de maneira não impositiva. Recomendo especial cautela no caso de cônjuges oriundos de países diferentes, que devem entrar em acordo com para constituir um lar bilíngue. A criança deve ter oportunidade de aplicar os dois códigos livremente.



Pedro Gomides e Carlota Ramos
Diplomatas no Ministério das Relações Exteriores

No Paraguai, centro de estudos cria núcleo para aprimoramento de professores de português como língua estrangeira



Em agosto de 2013, foi criado, em Assunção, o Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento de Técnicas para o ensino de Português como Língua Estrangeira (PLE). O projeto pretende apoiar o processo de desenvolvimento dos professores dedicados à tarefa de ensinar o português do Brasil e de divulgar a cultura brasileira. O núcleo será coordenado pelo diretor do Centro de Estudos Brasileiros (CEB), Aldo Solalinde, pela professora do CEB, Regina Pachioni, e pela professora do Instituto de Língua Portuguesa (ILPOR), Sueli Guerrero.

Os primeiros passos

A inspiração para criar o núcleo remonta a um projeto iniciado em meados de 2012 para capacitação dos professores de Português como Língua Estrangeira em Assunção e no interior do Paraguai. Na ocasião, o CEB realizou o curso em parceria com o ILPOR, instituição privada de ensino de PLE. Sob a orientação das professoras Maria Luisa Ortiz, da Universidade de Brasília, e Viviane Bagio Furtoso, da Universidade de Londrina, promoveu o compartilhamento de experiências entre professores de Português para Falantes de Outras Línguas (PFOL). Durante seis dias, os participantes engajaram-se em discussões teóricas e em troca de experiências, com foco em abordagens contemporâneas para o ensino de línguas.

Com o êxito do curso realizado em 2012, em julho de 2013 foi promovida a segunda parte, ou segundo capítulo da capacitação. Durante uma semana, teve lugar no Centro de Estudos Brasileiros em Assunção o II Curso de Capacitação de professores de Português. As duas professoras participantes da primeira edição atuaram novamente na coordenação do projeto, dessa vez com a contribuição também da professora Christiane Moisés Martins, da

UNB. A seleção dos temas abordados no curso foi baseada nas necessidades práticas dos professores e nas sugestões colocadas pelos participantes da primeira versão do curso de capacitação realizada em 2012. Os momentos de troca entre os professores, ministrantes e participantes criaram um ambiente favorável para a aprendizagem colaborativa e cooperativa, apontados como fundamentais para construir conhecimento sobre o processo de ensino-aprendizagem-avaliação da língua portuguesa.

A criação do Núcleo

Com o êxito de duas edições, formou-se um grupo de pessoas que, apesar da diversidade e das dificuldades, tinham o ideal de divulgar a riqueza linguística e cultural brasileiras. “Consideramos os resultados compensadores e renovaram-se nossas esperanças de que esse tipo de investimento na formação dos professores aprofunda seu poder profissional e eleva neles a auto-estima de se sentirem merecedores de atenção institucional em retribuição à sua dedicação em ensinar a língua e culturas do Brasil aos falantes de outras línguas no exterior”, afirmaram as professoras de universidades brasileiras que participaram do projeto. “Quando os professores de PLE crescem, o Brasil se apresenta melhor no exterior através dessa que é provavelmente a melhor forma de se praticar a delicada diplomacia da tolerância e compreensão entre os povos”, concluíram.

Essa foi a motivação que nos fez pensar: “poderemos ser participantes, protagonistas e também criadores”. Nesse sentido, acreditamos que deveríamos cuidar dessa semente com muito carinho e trabalhar para o crescimento da integração por meio do nosso belo idioma e da nossa riqueza cultural, zelando para que essa semente se transforme numa árvore frondosa que dê boa sombra e bons frutos, dos quais todos possam se servir. Com esse pensamento, em reunião com minhas colegas Regina Pachioni e Sueli Guerrero, decidimos criar um núcleo em atividade constante para colaborar na formação, na capacitação contínua e no aporte de recursos criativos, com o objetivo de estimular o docente de PLE a buscar a atualização constante de seus conhecimentos, bem como a empregar técnicas de vanguarda na preparação de suas aulas.



Aldo Solalinde
Diretor do Centro de Estudos Brasileiros
em Assunção/Paraguai



No Colégio Experimental Paraguai-Brasil, crianças familiarizam-se com o português desde as séries iniciais

Este artigo compartilha, ainda que sumariamente, a experiência de aproximação dos alunos do Ensino Fundamental do Colégio Experimental Paraguai-Brasil (CEPB) com a língua e a cultura brasileiras em diferentes níveis escolares – jardim, pré-escola, 1º, 2º e 3º séries – por meio de atividades organizadas para a promoção e desenvolvimento do Português como Língua Estrangeira (PLE) no CEPB.

O Colégio Experimental Paraguai-Brasil é uma escola com 49 anos de existência, muito concorrida pela qualidade de ensino e inovação curricular. O CEPB resulta de um acordo de cooperação que os dois Governos firmaram na década de 1940. O prédio projetado pelo modernista brasileiro Affonso Reidy foi inaugurado em 7 de setembro de 1964. Pública e autônoma, a instituição tem tradição de estudos e projetos inovadores, bem como um corpo docente altamente qualificado, com doutores, mestres e especialistas. Desde a sua criação, a coordenação pedagógica da instituição está a cargo de um brasileiro, função hoje ocupada pela autora deste artigo.

O Projeto

A criação do projeto ora relatado de ensino de PLE

remonta ao evento chamado “Semana Verde Amarela”, que teve início em setembro de 2010. Na Semana, os professores do CEPB de artes plásticas, música e dança realizavam atividades com alunos das séries mais avançadas da instituição, que já tinham português no currículo. Nesse contexto, tivemos a ideia de realizar um minicurso básico de português para professores das séries iniciais (1ª série, pré-escola e jardim). Fizemos alguns encontros, mas o projeto não teve continuidade naquele momento.

Como segunda tentativa, decidi investir em um trabalho que focalizasse diretamente os alunos dessas séries e no qual as professoras poderiam estar presentes e, assim, participar do processo juntamente com seus alunos. Apresentei então, ao diretor do CEPB, um projeto piloto de Português como Língua Estrangeira nas séries iniciais do ensino fundamental. O projeto teve início em 2012: ensino de português durante as aulas, com a presença e participação dos professores do jardim e pré-escolar. Desse modo, alunos, juntamente com seus mestres, passaram a se apropriar pouco a pouco do português, o idioma alvo.

O projeto de PLE para séries iniciais está centrado principalmente no aprendiz e no seu desempenho, de modo a atingir competências comunicativas básicas em situação de uso, de acordo com a série e faixa etária. Os alunos

aprendem por meio de experiências de comunicação interpessoal, atividades lúdico-comunicativas realizadas em aula, apoiando-se num trabalho tanto em grupo como individual, para realização de tarefas compatíveis com cada faixa etária. Os alunos mais jovens, que se encontram em fase de alfabetização da língua materna, recebem também uma língua estrangeira, o português, o que propicia uma integração interdisciplinar. Os professores compartilham o processo de aquisição do PLE com seus alunos ao longo de todo o processo.

Até o momento temos tido uma resposta bastante animadora. A recepção para a aprendizagem de PLE por parte dos alunos e dos professores é bastante positiva e muito gratificante. Os pais, que também participam em algumas atividades, têm dado fundamental apoio.

Avaliação da Experiência de Ensino e Aprendizagem

Como parte do projeto de ensino/aprendizagem do PLE, realizamos uma avaliação da experiência sob a perspectiva de diferentes olhares. Procuramos enfatizar, sobretudo, o ponto de vista dos participantes diretos, nomeadamente os alunos e os professores aprendizes, numa lógica de auto avaliação e de reflexão participativa.

A avaliação revelou diversos aspectos positivos. Uma leitura global das observações feitas e registradas pelos alunos, professores envolvidos e direção, leva-nos a notar uma apreciação bastante positiva da experiência de aprendizagem do PLE. Foi unânime o valor dado à experiência do trabalho em equipe, mesmo com os desafios que tal tarefa representa.

No entanto, há também dificuldades. Devido à grande procura de vagas pela comunidade, temos cerca de 40 alunos por classe, embora saibamos que o ideal seria de, no máximo, 30 aprendizes. Tendo em conta a escassa oferta de material didático específico para das faixas etárias com que trabalhamos, estou elaborando um material de apoio próprio a ser adotado pelo CEPB.

A superação dessas dificuldades é condizente com a característica do CEPB de ser instituição modelar e portadora de currículo inovador, que aposta em projetos motivadores para seus alunos.

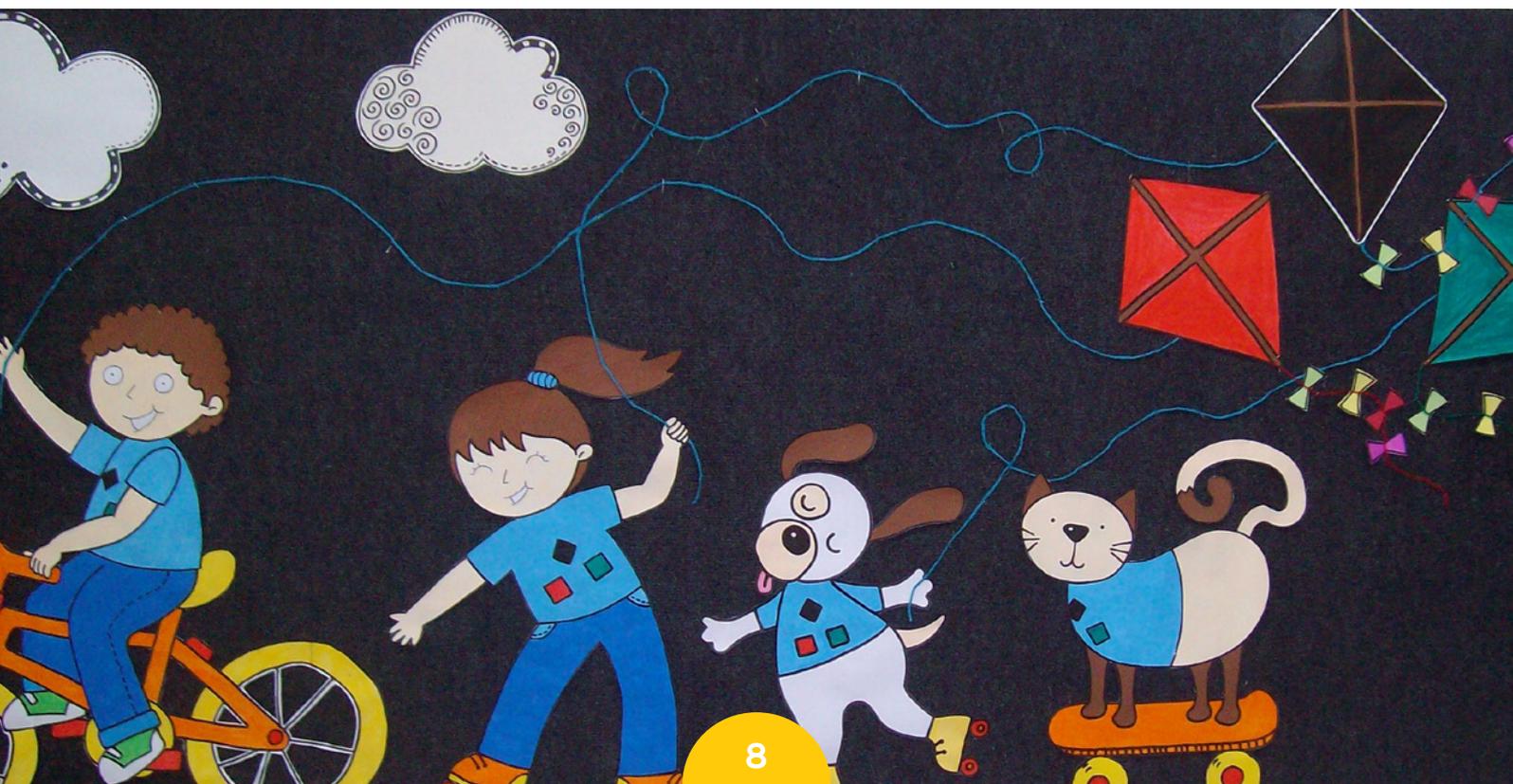
Considerações Finais

Com base nessa experiência-piloto de ensino do PLE, podemos apontar que os participantes nesta experiência reconhecem que o projeto desenvolvido atingiu os objetivos esperados. Ademais, temos a convicção de que uma criança que aprende uma língua estrangeira nesta idade está também aprendendo uma língua materna.

O ensino de uma língua estrangeira vai muito além de ensinar palavras soltas, joguinhos ou musiquinhas. Trata-se de um processo que deve levar em conta a realidade do aprendiz e que seja significativo ao que uma criança vive nessa idade.



Terezinha Juraci Machado da Silva
Leitora junto ao Colégio Experimental Paraguai-Brasil em
Assunção, Paraguai





Fotografia: Hannu Hurme

Português como língua de herança foi tema de curso de capacitação e de atividades culturais em 2013

Línguas de heranças são versões de idiomas adquiridas no lar, em geral de modo incompleto, e que são línguas diferentes daquela falada no entorno comunitário. Com o tempo, a língua herdada tende a ceder espaço para o idioma dominante em uma comunidade. Nesse contexto, o fortalecimento do português como língua de herança é fundamental para manter os vínculos de descendentes de brasileiros residentes no exterior com seu país de origem, o Brasil. Ciente da importância desse fenômeno, a Rede Brasil Cultural promoveu cursos para interessados em ensinar o Português como Língua de Herança (POLH) e atividades para estimular que os “herdeiros” do idioma pratiquem o português.

Um dos principais instrumentos de promoção do POLH é o Programa de Formação Continuada de Professores de Português como Língua de Herança, que tem o objetivo de capacitar docentes a ensinar o português àqueles que, brasileiros ou filhos de brasileiros, encontram obstáculos na manutenção da língua. Nos últimos anos, foram realizados cursos de capacitação nas cidades de Boston, Londres e Zurique.

O curso realizado em Boston, em novembro, planejava ofertar quarenta vagas. No entanto, com a alta procura, cerca de cinquenta pessoas participaram assiduamente das atividades. Professoras de Harvard e da Universidade de Massachusetts conduziram discussões sobre fonética, fonologia e ensino de gramática sob uma perspectiva sociolinguística. Os participantes receberam bem o conteúdo e manifestaram interesse em atividades semelhantes no futuro.

Em Londres, foi realizado, em outubro, o I Simpósio Europeu sobre o Ensino de Português como Língua de

Herança (I-SEPOLH), projeto da Associação Brasileira de Iniciativas Educacionais no Reino Unido (ABRIR) que recebeu apoio do Ministério das Relações Exteriores. Participaram cinquenta profissionais da área de educação provenientes de nove países europeus. O evento destacou o papel de membros da comunidade brasileira na Europa que criam iniciativas complementares ao sistema escolar dos países anfitriões, a fim de ensinar a língua portuguesa.

A experiência de promoção do POLH em Zurique pode ser conferida em detalhes no artigo “Restaurando heranças dilapidadas: o ensino do português como legado de pais para filhos”, nesta edição da “Rede em Revista”.

Paralelamente, mais de vinte atividades foram realizadas pelos consulados brasileiros, ao redor do mundo, para estimular os “herdeiros” do português a praticar o idioma. Em Berlim, por exemplo, foi realizado o projeto “Confissões de adolescentes multiculturais”. Vinte adolescentes que transitam entre o alemão e o português participaram de oficinas de teatro semanais, nas quais tinham a oportunidade de se expressar em português acerca de temas importantes para sua faixa etária e seu processo de identidade – habitualmente, eles só se expressariam sobre esses assuntos em língua alemã, com os amigos. O projeto teve, ainda, o efeito de propiciar a integração entre os adolescentes brasileiros.

A manutenção do português ao longo de gerações de brasileiros que vivem no exterior é um desafio para essas comunidades. Nesse sentido, a Rede Brasil Cultural empenha-se em incentivar atividades que contribuam para consolidar o português como um patrimônio que os brasileiros residentes no exterior transmitem para seus descendentes.



Restaurando heranças dilapidadas: O ensino do português como legado de pais para filhos

*“Amo o teu viço agreste e o teu aroma de virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma, em que da voz materna ouvi: ‘meu filho!’”*
Olavo Bilac.

Cheguei a Winterthur, no cantão suíço de Zurique, numa fria manhã de outono, quase inverno, com o objetivo de, finalmente, acompanhar o curso que tão arduamente organizamos na Divisão de Promoção da Língua Portuguesa (DPLP) e no Consulado-Geral do Brasil na região, em parceria com a Associação Brasileira de Educação e Cultura (ABEC). Curioso, saí para conhecer a bela cidade, pois o curso somente começaria no dia seguinte. Depois de muito andar e ver, passei por um grupo de pessoas que, para a minha surpresa, falavam português. Brasileiros.

Apresentei-me e, muito gentilmente, fui convidado a sentar-me à mesa do café em que se encontravam. Disse que estava ali para participar do curso de Português como Língua de Herança (POLH) que se iniciaria no ano seguinte. Brevemente, ouvi o depoimento emocionado de uma mãe que vivia na Suíça há algum tempo, mas que fazia questão de que sua filha soubesse comunicar-se em português. Constatei que, de fato, a garota falava português com naturalidade, embora houvesse nascido em Zurique e o pai fosse suíço. Considerei o caso um prelúdio do que seria o curso.

Com efeito, foi. No dia seguinte, um fato chamou-me

a atenção: havia apenas mulheres participando do curso. Eu e o Conselheiro Unaldo de Sousa, do Consulado em Zurique, éramos os únicos homens. De acordo com a Sociedade Internacional Português como Língua Estrangeira (SIPLE), nos Estados Unidos, em 97% dos casos, o desejo de passar aos descendentes o conhecimento da língua familiar é da mãe. Pelo que percebi, na Europa, não é diferente.

Lembrei-me, então, das palavras de Olavo Bilac. Fazem alusão ao contato entre mãe e filho – aquele que todos guardamos em um canto especial da memória. As primeiras noções da vida, desde o aleitamento, a experiência de cheiros, gostos e toques, que nos remetem a experiências doces da infância – e por que não – a fala. A muitas ainda ocorrem as primeiras palavras pronunciadas na vida, que, com frequência, se referem à mãe ou ao pai. Estes recordam-se com grande alegria da primeira vez que seus pequenos expressam construções de fala: a emoção de perceber que aquela criança, levada no ventre por nove meses, trazida ao mundo tão frágil, passa a interagir com eles e, futuramente, com todos ao seu redor. Decorre daí o conceito de língua materna – o idioma passado de pais para filhos, a língua que será referência na vida de quem a

aprende, não importa quantos mais idiomas vier a dominar. Uma verdadeira herança, muito além de qualquer bem material que possa ser legado.

No entanto, essa herança de muitos brasileiros tem sido dilapidada. Por motivos vários, como privações econômico-sociais ou busca por melhores condições de ensino, ou ainda realização de carreira, é elevado o número de cidadãos brasileiros que vivem em outros países, principalmente nos Estados Unidos, na Europa e no Japão. É nesse contexto que se torna desafiadora a manutenção da herança da língua materna, no caso presente, a língua portuguesa.

Também por razões diferentes, o desafio muitas vezes não tem sido enfrentado com sucesso pelos pais brasileiros de crianças nascidas no exterior, apesar de seus esforços. Frequentemente, não encontram tempo ou disposição para manter o uso corrente do português no lar. Por outro lado, os filhos não desejam aprender a língua, seja porque lhes é estranha, ou porque o fato de seu grupo de amigos não se comunicar nesse idioma os constrange. Não raro, sofrem crises, porque a língua está diretamente vinculada à identidade humana. Com efeito, as barreiras multiplicam-se, caso a família não tenha a rotina e, acima de tudo, a disciplina de usar a língua portuguesa dentro de casa.

Com o objetivo de auxiliar os pais a superar os desafios que se apresentam no campo da identidade linguístico-cultural, diversas organizações, sensíveis à necessidade de preservar as raízes culturais dos pequenos brasileiros nascidos no exterior, oferecem cursos de formação de professores de português como língua de herança – ramificação da atividade de ensino de português como língua estrangeira.

O Governo Brasileiro também se tem sensibilizado e patrocinado cursos de POLH em diversos países. Dessa maneira, desde 2011, foram realizados três cursos nos Estados Unidos – em Washington, DC, São Francisco e Miami – e um na Europa, em Winterthur, Zurique, na Suíça.

A maioria das participantes de Zurique tinha formação em cursos de nível superior, como Letras, Tradução e Pedagogia, principalmente. Percebia-se o empenho de cada uma no aprendizado para, posteriormente, difundir seus conhecimentos junto à comunidade de brasileiros com as quais conviviam. Muitas vezes, houve, no decorrer do curso, manifestações emotivas acerca das experiências que tinham ao ensinar o português e ver os frutos de seu trabalho.

Pude constatar, pelo número de organizações representadas que se dedicam ao ensino do português como língua de herança, o elevado interesse da comunidade brasileira no ensino da cultura. Além da ABEC, estavam presentes membros da Associação Raízes, também da Suíça; da Associação Brasileira de Iniciativas Educacionais no Reino Unido (ABRIR); e da Linguarte, de Munique.

O curso permitiu-me observar in loco a necessidade de trabalhar em estreita parceria com os brasileiros que se esforçam pela difusão cultural brasileira. Deu-me, ainda, a oportunidade de sair de “detrás da mesa” e ir a campo, para constatar os desafios e os êxitos que compõem as iniciativas de associações ou grupos difusores de língua e cultura na Europa.

São, frequentemente, voluntários, que não recebem pagamento por suas atividades, a não ser a recompensa de gerar em seus descendentes a alma brasileira e de permitir-lhes patrimônio cultural comum entre pais e filhos, o que nem sempre acontece e cria divisões no núcleo familiar. Existem relatos de famílias que não se comunicam, exatamente por não falarem a mesma língua. Pais e filhos são muitas vezes condenados a conviver em silêncio, devido a uma barreira linguística. Isso sem mencionar a impossibilidade de comunicação com avós, tios e primos que vivem no Brasil.

Em todos os cursos de POLH organizados até o presente, e na Europa não foi diferente, um sentimento foi notado: gratidão. Os participantes sempre expressam alegria por saber que têm a possibilidade de contribuir não só para o patrimônio cultural de diversas famílias, mas também para as boas relações entre seus membros.

Durante o período que passei em Zurique, foi essa a atmosfera que notei, de congraçamento entre os presentes, do qual participei, por ter a consciência de que cursos de POLH têm enorme potencial multiplicador. Os pais e crianças que adquirirão conhecimento de português como língua de herança, por meio dos professores formados nos cursos já realizados, poderão ensinar outros brasileiros, e assim por diante.

A partir de 2013, tendo como base a percepção do alto comprometimento das organizações envolvidas, a DPLP apoiou mais de vinte cursos por elas realizados, que, esperamos, poderão consolidar, no imaginário dos nossos pequenos expatriados, o Brasil e sua cultura, bem como permitir-lhes sadias relações familiares, por meio do entendimento da voz materna a que se refere Bilac.



João Domingos Batiston Bimbato
Diplomata na Divisão de Promoção
da Língua Portuguesa



No Líbano, música brasileira dá tom no aprendizado de português

Projeto Oficinas de Canto, no Centro Cultural Brasil-Líbano (CCBL), estimula alunos de português como língua estrangeira a aprender cantando.

Se, como diz o velho ditado popular, “quem canta seus males espanta”, no Centro Cultural Brasil-Líbano (CCBL), seus frequentadores encontram uma razão a mais para pegar o microfone: praticar o português.

Todos os anos, os Postos no exterior propõem a Brasília projetos de atividades culturais diversas. A Embaixada do Brasil em Beirute (Líbano), que se encarrega da gestão do Centro Cultural Brasil-Líbano, propôs, entre outros projetos para 2013, a realização de oito oficinas de canto ao longo do ano.

A iniciativa nasceu da intenção de ampliar aos estudantes e frequentadores do CCBL as oportunidades de se praticar a língua portuguesa. São mais de 130 alunos regularmente matriculados, que arrumam espaço em suas rotinas para aprender ou aperfeiçoar a poética língua de Luís de Camões. Ou se preferirem, o idioma de Machado de Assis e de tantos outros ilustres escritores brasileiros. Essa dedicação e esforço de pessoas apaixonadas pelo português mereceram uma proposta de aprendizagem diferente. Assim, além de aulas de português e de outras atividades como seminários temáticos, as oficinas de canto também têm permitido aos amigos do CCBL soltar a língua e dar aquele empurrãozinho no aprendizado do português, de forma divertida e descontraída, em formato de karaokê.

E que melhor maneira de praticar o português do que acompanhados por Tom Jobim, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Maria Bethania, Roberto Carlos, Marisa Monte, Chico Buarque e tantos outros cantores de sucesso? Talvez fingindo ser um deles e aplicando o que se aprendeu na sala de aula de maneira lúdica e leve. Em cada sessão, juntam-se estudantes, ex-alunos, professores e plateia

curiosa. A diversão é garantida e o resultado é surpreendente. Treinam-se a pronúncia, o vocabulário, a cadência, além de análise textual das letras das canções, ao som de música e boas risadas.

Se todo mundo gosta de cantar, pelo menos debaixo do chuveiro, nem todos são, porém, desinibidos. Para quebrar o gelo e deixar os participantes confortáveis com atividade, as sessões são conduzidas por facilitadores que acompanham os interessados na arte de cantar. Além disso, há sempre a preocupação com variação do repertório e com a antecipação aos alunos das opções de música, para que possam treinar e, então, chegar mais confiantes na hora do “show”. Os professores, por sua vez, auxiliam naquilo que cabe à compreensão das letras músicas, do vocabulário e esclarecem exceções gramaticais permitidas na modalidade.

O envolvimento e o desempenho dos participantes são dignos de nota. Os cantores do CCBL demonstram domínio satisfatório da pronúncia, com interferências variadas do sotaque local de acordo com o nível de cada um. Até alunos de turmas iniciantes logram ótimo resultado. Além disso, o interesse da maioria não só por músicas recentes, mas também por canções de artistas consagrados há mais tempo revela um ganho recíproco. Os alunos aprendem se divertindo, e o Centro Cultural ensina português e divulga a música brasileira de maneira inovadora. A satisfação é geral! Todos aguardam ansiosamente novas edições do projeto.



Equipe do Centro Cultural Brasil-Líbano

O ensino do português na China e a construção de conexões entre culturas

Reflexão breve sobre cultura, gesto, linguagem

A Universidade de Pequim, fundada em 1898, possui um campus com localização privilegiada na cidade, próxima ao antigo Palácio de Verão e ao Jardim Yuanmingyuan. A arquitetura tradicional que ela conserva (com seus telhados arrebicados e multicores, em verde, vermelho e azul), assim como os jardins e o Lago sem Nome oferecem à comunidade universitária um descanso da metrópole, bem como uma pausa do denso ar que respiramos no exterior pequinês. Os alunos dessa instituição têm a oportunidade de estudar idiomas diversos na Escola de Línguas Estrangeiras, onde se localiza o Departamento de Espanhol e Português, como inglês, francês, alemão, coreano, russo e as línguas faladas (ou faladas no passado) no oeste, sudeste e sul da Ásia – hindi, persa, hebraico, árabe, tailandês e vietnamita. Embora esses últimos idiomas pareçam “exóticos” a um ocidental, o português e a cultura tupiniquins talvez ainda soem tão pouco familiares à maioria dos chineses quanto o tailandês nos pareceria.

Desse modo, no ensino do português na variante brasileira torna-se necessário lidar com a distância entre os dois países em termos linguísticos e culturais e criar mecanismos que ora favoreçam o encontro entre ambos, o entendimento do comum, ora permitam compreender as diferenças que os separam. A ideia de aliar o ensino de línguas à cultura também em espaços distintos da sala de

aula parte da concepção de que há uma afinidade entre a palavra e a imagem de onde provém, por exemplo, o uso de recursos como o cinema na tentativa de recuperar esse laço. Além disso, sugere que o discurso e a linguagem estejam carregados de significados mais profundos que os aparentes na superfície. A linguagem, assim como os gestos que procuramos interpretar quando nos encontramos em um ambiente desconhecido, revela parte do pensamento de um povo e de outros tempos remanescentes ainda no presente.

No chinês simplificado, adotado na parte continental do país, o valor da família, proeminente na doutrina confucionista, torna-se digno de nota. O radical que representa a mulher, por exemplo, 女(nǚ) modificou-se ao longo dos anos, referindo-se antigamente a uma dama curvando-se respeitosamente a outro ser, depois ajoelhada para, por fim, tornar-se próxima de uma imagem de mulher de corpo ereto, como as chinesas de saias de tule colorida e sandálias decoradas caminham hoje pelas dajies e hutongs de Pequim. 家(jiā), casa, representa-se por um radical no qual vemos um porco abrigado sobre um teto, animal criado nos campos, que serve as mesas dos chineses nas diversas províncias. Por sua vez, 女家(jià), que significa casar-se com um homem, é uma combinação dos dois caracteres acima mencionados em um incentivo às jovens para que se reúnam em matrimônio acrescentando às suas posses um marido e um lar. 女(nǚ) compõe, ainda, a palavra “bom” (好(hǎo)), junto ao radical 子(zǐ), que se refere ao significado “criança”, desejada pelos recém-casados como a oportunidade única de perpetuar-se sob a aprovação do Estado.

A doutrina confucionista defende o autocontrole, o bom comportamento em sociedade, o domínio do corpo e do espírito. O confucionismo foi utilizado antigamente para firmar o poder imperial e passou, mais tarde, a ser renegado pelo Partido Comunista. No entanto o Jen, uma das quatro virtudes de Confúcio, estabelece as leis da família e os vínculos humanos, o respeito a si mesmo e a outrem, o cumprimento do princípio de poder familiar e deixa



resquícios indelévels na linguagem, como nos mostram esses exemplos retirados da escrita chinesa.

Como vemos, a palavra é também uma imagem em potencial e, como a imagem e a linguagem dos caracteres, carrega os gestos do passado que ainda são repetidos no presente. Os ideogramas chineses são um exemplo de que não haveria uma separação clara entre a cultura e a linguagem, entre a imagem e o pensamento de um povo. Essa forma de escrita que, suscitando algo entre o fascínio e o enigma, atraiu poetas modernos como Ezra Pound e Haroldo de Campos, carrega a memória de corpos antigos que voltam a ter vida e a sussurrar mensagens por meio da repetição, o que vimos no caso do radical 女 (nǚ). Para recolocar esses gestos em movimento é preciso, portanto, resgatar os seus aparecimentos, combiná-los a outros contextos e reconhecer os signos em séries com o intuito de devolver-lhes a multiplicidade de sentidos.

O ensino do português na China

A Universidade de Pequim possui um Núcleo de Estudos da Cultura Brasileira, inaugurado em 2004 pelo ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva. Coordenado atualmente pela professora Dra. Wang Jun do Departamento de Espanhol, com o apoio do professor Dr. Hu Xudong, do Departamento de Literaturas Mundiais, o Núcleo conta com um acervo de cerca de 1000 livros sobre assuntos como política exterior, economia brasileira, alguns volumes de cinema, sociologia e literatura. Parte desse acervo também consiste na versão ao chinês de textos literários; é o caso de *Dom Casmurro* (traduzido por Li Junbao e publicado em 2001) e *A missa do galo* (publicado em 2006 com o apoio do Ministério das Relações Exteriores), romance e conto de Machado de Assis, *Iracema*, de José de Alencar e da Antologia da poesia brasileira (1994), publicação organizada por Antonio Carlos Sechim e traduzida por Zhao Deming, com apoio da Embaixada do Brasil em Pequim. O acervo de arte, literatura e história brasileiras, no entanto, não somente o que consta no Núcleo, mas também nas Bibliotecas Central da Universidade e do Departamento de Espanhol e Português, ainda necessita ser enriquecido para melhor servir às pesquisas acadêmicas. Desse modo, parte da tarefa do leitorado na instituição consiste em auxiliar a melhorar esse acervo com a sugestão de bibliografia nessas áreas, bem como incentivar o empréstimo desses livros aos alunos do curso de português e pesquisadores.

A função do Núcleo na Universidade também vem sendo a de organizar atividades que divulguem a cultura brasileira entre a comunidade universitária e pessoas de áreas e ocupações diversas que estejam interessadas pelo Brasil. Neste primeiro semestre de 2013, promoveu um Cineclube de Filmes Brasileiros que exibiu filmes

desde o Cinema Novo (como *Vidas secas*, 1963, de Nelson Pereira dos Santos, na verdade considerado um precursor desse movimento, e *Macunaíma*, 1969, de Joaquim Pedro de Andrade) aos anos 2000 (com *Xingu*, *Abril despedaçado*, *O palhaço*, *Estômago*, *Matraga* e o documentário *Tropicália*), ora com legendas em inglês, ora em chinês. O evento permitiu discussões orientadas especialmente pela curiosidade do público a respeito dos temas presentes nos filmes, como a culinária, a existência das reservas indígenas no país, o período histórico da ditadura militar, as vanguardas musicais, o modernismo brasileiro, etc.

É possível, ainda, compararmos o intuito de aliar a cultura ao ensino da língua portuguesa e o foco na análise do discurso com a experiência de aprendizado e ensino de línguas estrangeiras na China. No ensino de mandarim como segunda língua, privilegia-se o método comunicativo e as palavras muitas vezes são dispostas nos livros em listas, descaracterizadas de seu papel no discurso. Caberia ao aluno, desse modo, a tarefa de memorizar o som (a representação fonética, o pinyin) e o ideograma referente a cada signo. Esse é o caso de um dos métodos mais populares no país, *Conversational Chinese 301*, de Kang Yuhua e Lai Siping (2005).

Para o ensino de português, em contrapartida, optei por utilizar estratégias que privilegiassem a análise do discurso, a compreensão do papel desempenhado pelo vocabulário no texto e em conflito com outras ocorrências possíveis. A linguagem, desse modo, se mostra como algo de que é preciso desconfiar, assim como os textos que lemos, pois produz ambiguidades e traz em cada uma de suas manifestações orientações políticas e filosóficas, tempos distintos e repetições inerentes às decisões tomadas pelo autor no ato da escrita.

O Curso de Português é oferecido na graduação – em especial na variante europeia – desde 2007 e forma no momento a segunda turma, contando em seu corpo docente com a professora Ma Min Xuefei e professores do Instituto Politécnico de Macau que vêm à Pequim anualmente. O Curso se caracteriza especialmente pelas disciplinas focadas em desenvolver as habilidades do português como língua estrangeira (audição, leitura e interpretação, gramática e expressão oral), que ocupam uma carga de aproximadamente 14 horas semanais. Além disso, os alunos podem (ou não) dedicar-se a aprender outras línguas e estudam a literatura e a história dos países lusófonos, bem como tradução e interpretação, quando se encontram nos níveis mais avançados.

A disciplina de “Leitura extensiva”, parte do currículo desse Curso, pretende especialmente despertar o interesse pela leitura, aprimorando a proficiência na língua e enriquecendo o vocabulário dos alunos, mas tornou-se também um meio de apresentar-lhes a cultura, a história e a literatura brasileiras através dos textos. A escolha do

material não se baseou unicamente em um método de ensino de português como língua estrangeira, mas em fontes como periódicos, contos e poemas.

Os textos de método de ensino apresentam o vocabulário ao aluno de nível básico de acordo com os seus conhecimentos do idioma. No entanto, muitas vezes simplificam o conteúdo do tema que está sendo discutido e correm o risco de estimularem uma perspectiva superficial e vaga da cultura do país onde se fala a língua ensinada. É preciso ter cautela, portanto, quanto aos textos selecionados, estar atento às suas fontes e às opiniões nele embutidas, que por vezes podem induzir a discussão para um único sentido. Esse seria o caso, por exemplo, de se tratar dos povos indígenas sem citar a existência de etnias múltiplas, simplificando-se assim a diversidade linguística e de costumes entre esses povos e esquecendo-se de como historicamente se tornaram minorias, que ainda não conquistaram plenamente o seu espaço e os seus direitos. Esse exemplo provém de “Os índios do Brasil”, do método Falar, ler e escrever, de 2012, que apresenta os povos nativos brasileiros e propõe que se discuta a existência de reservas indígenas.

Nesse sentido, artigos publicados em periódicos, como os jornais Folha de São Paulo, a BBC Brasil, a revista Época, etc. podem suprir parte da necessidade de informar os alunos e nos permitem identificar mais claramente o ponto de vista adotado por esses meios de comunicação, discordemos ou não dessa perspectiva. Alunos de nível básico podem ser menos proficientes para realizar um debate mais profícuo no idioma estrangeiro, mas não são leitores ingênuos e é produtivo expô-los a opiniões divergentes e a informações mais ricas sobre os temas de seu interesse e próximos do que vivem.

A literatura muitas vezes serve de suporte por consistir, justamente, na instância que revela os sentidos do signo em um contexto diverso do cotidiano. Ao mostrarem que a realidade, à qual se referem apenas sub-repticiamente, compartilha com a ficção a qualidade de poder ser interpretada, os textos literários como poemas de autores modernistas (Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Oswald de Andrade e Raúl Bopp) transferem a tarefa da leitura ao próprio mundo que nos cerca. O uso do verso livre e o caráter quase prosaico da poesia de Oswald de Andrade, que não porventura guarda uma afinidade especial com os ideogramas chineses, a tornam acessível ao leitor iniciante, embora não seja tarefa simples interpretar a ironia dos versos oswaldianos. No poema ambigualmente intitulado “Erro de português”, por exemplo, o autor faz uso da ineficácia da linguagem apontando o equívoco desta em seu interior, que seria também um engano próprio à civilização, o de procurar diluir as diferenças entre os povos:

*Quando o português chegou
Debaixo de uma bruta chuva
Vestiu o índio
Que pena!
Fosse uma manhã de sol
O índio tinha despido
O português.*

Cabe-me retomar a relação entre o que havia escrito sobre os caracteres chineses e o que trato a respeito do ensino de português, de outro modo e em poucas palavras. Existe sim uma distância de dimensão global, eu diria, entre idiomas como o mandarim e a língua portuguesa, como a diferença entre o café e o chá, a timidez chinesa e o sorriso brasileiro, mais aberto, o gosto pelo karaokê e a preferência pelo gingar do samba, a pele branca protegida pelas sombrinhas e o bronzeado tropical. No entanto, creio que a tarefa de difundir a cultura brasileira esteja além de reforçar a homogeneidade de ideias e das características nacionais, mas consista em deslindar aquilo que guardam em comum a linguagem e a cultura, ou seja, a persistência de gestos antigos, apreendidos pela palavra – o andar das chinesas pelas páginas e nas ruas, os índios, responsáveis por singularidades na variante brasileira do português, apesar de há muito vestidos pelo europeu e pelo branco. Tais afinidades possivelmente nos esclareçam o modo como operam as relações sociais e o pensamento, revelem o funcionamento da palavra por meio da leitura dos textos e tragam alguma luz sobre os costumes e comportamentos peculiares aos dois países.



Larissa Costa da Mata
Leitora de Português e Cultura Brasileira na Universidade de Pequim



Conferência sobre o futuro da língua portuguesa decide temas prioritários para promoção do idioma no mundo

Em 29 e 30 de outubro de 2013, foi realizada, em Lisboa, a Segunda Conferência sobre o Futuro da Língua Portuguesa no Sistema Mundial. Participaram representantes governamentais dos Estados da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), do Secretariado Executivo da CPLP e do Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP), além de centenas de integrantes da sociedade civil.

O evento deu continuidade ao trabalho iniciado com a Primeira Conferência sobre o Futuro da Língua Portuguesa, que teve lugar em Brasília, em 2010. A realização das duas conferências decorre de uma decisão dos chefes de Estado e de Governo da CPLP, que criaram esse foro para discutir estratégias e desafios concernentes à promoção do idioma comum de seus países.

O principal resultado da Segunda Conferência foi a aprovação do “Plano de Ação de Lisboa”, que passará a constituir um dos dois documentos de estratégia global da CPLP para a promoção e difusão da língua portuguesa, juntamente com o Plano de Ação de Brasília, de 2010.

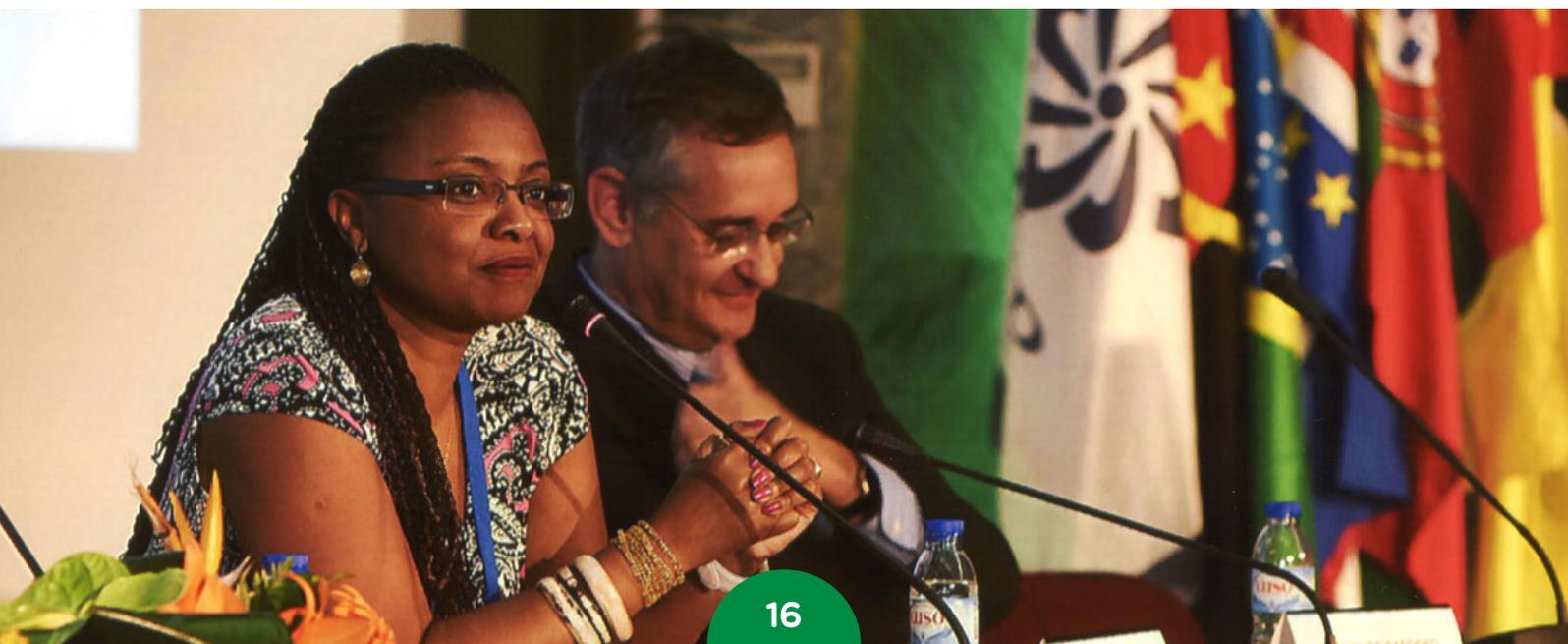
Integrantes da sociedade civil participaram do evento no âmbito do “segmento científico” da Conferência. Como parte desse grupo, acadêmicos e demais interessados formularam sugestões sobre o futuro do idioma. Essas propostas foram entregues aos representantes dos governos, do Secretariado Executivo da CPLP e do Instituto Internacional da Língua Portuguesa e, assim, puderam

influenciar os termos do Plano de Ação de Lisboa.

O documento traz dois novos temas que deverão orientar a promoção do idioma: “a língua portuguesa no desenvolvimento científico e na inovação” e “a língua portuguesa no reforço do empreendedorismo e da economia criativa”. O Plano também retoma três temas que já eram considerados importantes desde a reunião de Brasília, em 2010: a implantação da língua em organizações internacionais, a língua portuguesa nas diásporas dos países da CPLP e o ensino da língua portuguesa a falantes de outras línguas.

Após a realização de duas Conferências sobre o Futuro da Língua Portuguesa no Sistema Mundial, os países lusófonos contam com os Planos de Ação de Lisboa e de Brasília para promover seu idioma globalmente. Uma vez que foram endossados pelas instâncias decisórias mais elevadas da CPLP, os dois Planos constituem as principais estratégias de difusão e promoção da língua existentes no âmbito da Comunidade.

A realização da Segunda Conferência sobre o Futuro da Língua Portuguesa no Sistema Mundial fortaleceu a articulação existente entre os países lusófonos no sentido de promover seu idioma comum. Com aportes de governos e da sociedade civil, possibilitou a definição de estratégias para garantir que o português esteja cada vez mais forte como fundamento da identidade e da cultura de mais de 200 milhões de falantes ao redor do planeta.





A Construção do Centro Cultural Brasil-Argentina

A decisão do Governo brasileiro, em 2012, de criar um Centro Cultural Brasileiro em Buenos Aires constituiu mais um passo firme no plano da relação estratégica construída, ao longo das últimas décadas, entre Brasil e Argentina.

O estabelecimento do Centro Cultural Brasil-Argentina (CCBA) como parte integrante da estrutura da Embaixada do Brasil em Buenos Aires reforça a importância atribuída pelo Ministério das Relações Exteriores e pela Rede Brasil Cultural à difusão da língua e da cultura nacionais na Argentina, em especial em um pólo de reconhecida vibração e repercussão cultural como a capital portenha.

O CCBA abriu suas portas com o objetivo de conjugar dois exercícios complementares para a divulgação da cultura de nosso País na Argentina. Em primeiro lugar, o do ensino do português em sua vertente brasileira, com aulas em diferentes níveis e atividades didáticas específicas. Em segundo, o da realização de atividades culturais, tais como exposições artísticas, encontros acadêmicos, saraus literários e exibição de filmes e documentários, que vão, de certa maneira, gerando, no imaginário portenho, uma ideia mais completa – e complexa – das manifestações culturais brasileiras.

O projeto de estabelecimento do Centro contou com o decidido apoio do Departamento Cultural e do Departamento de Administração do Itamaraty. Com isso, a Embaixada pôde alugar um edifício para acolher o CCBA, adaptando-o às exigências arquitetônicas e legais

para o funcionamento de um espaço de ensino e para a realização de atividades culturais. O conhecido imóvel de propriedade do Governo brasileiro em Buenos Aires, situado à Calle Esmeralda, deverá proximamente passar por ampla reforma para receber o Centro Cultural Brasil-Argentina.

Ainda no primeiro semestre de 2013, a Embaixada do Brasil realizou processo seletivo para a contratação do corpo docente do novo Centro, de seus coordenadores pedagógicos e funcionários administrativos, e suas salas de aula e estações de trabalho foram dotadas de equipamento adequado, o que permitiu sua entrada em funcionamento. O projeto começava a tomar forma concreta.

Com o início pleno de suas atividades, em julho de 2013, o Centro Cultural Brasil-Argentina já atingiu marcas consideráveis e começa a se tornar, pouco a pouco, mais uma referência cultural na cidade de Buenos Aires. A criação das páginas do Centro nas redes sociais e a entrada no ar de seu sítio na internet (<http://ccba.itamaraty.gov.br>) responderam ao crescente interesse do público local pelas atividades do CCBA.

No caso do ensino do português, o novo Centro recebeu, a partir de agosto de 2013, cerca de 450 alunos entre os Níveis I e VI de seus cursos regulares de idioma e dos cursos especiais. O CCBA ministra igualmente aulas para as turmas de jovens diplomatas do prestigioso “Instituto del Servicio Exterior de la Nación”, destinado à formação do corpo diplomático argentino, bem como para alunos

do Instituto de Capacitação Parlamentar do Congresso da Nação (ICAP).

Além disso, é importante ressaltar que, apesar de existirem na capital argentina outras escolas de português, com as quais estabeleceu relacionamento de cooperação, o CCBA é a única escola do gênero que oferece um curso de nível superior (terciário) de formação de docentes de português, o chamado Professorado de Português, reconhecido pelo Ministério da Educação da Cidade de Buenos Aires. Muitos dos docentes ali formados seguem suas trajetórias profissionais nas Escolas Plurilíngues de Buenos Aires, nove das quais incluem atualmente o ensino do português em suas grades curriculares. Nesse caso, convém lembrar que um dos empecilhos para a plena implantação da Lei 11.161/2005, no Brasil, e da Lei 26.468/2009, na Argentina, que instituíram os idiomas português e espanhol nas grades escolares dos dois países, reside na falta de docentes qualificados para seu ensino.

No plano cultural, o CCBA já pôde acolher, ao longo do segundo semestre de 2013, atividades tão variadas como a apresentação da “4ª Convenção Internacional de Historietas – Crack Bang Boom”, evento voltado para o público de histórias em quadrinhos; o “II Workshop Argentino-Brasileiro de História Comparada – II WAB”, promovido pela “Cátedra de História do Brasil”, criada em 2009 na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires (UBA); e a palestra “O novo Romance Histórico no Brasil – Perspectivas e Rumos”, a cargo do Professor Cristiano Mello de Oliveira, doutorando em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

O CCBA tem também procurado inovar no que diz respeito à capacitação de seu corpo docente. Em outubro do ano passado, realizou, com o apoio do Leitorado Brasileiro junto à Universidade de Buenos Aires (UBA), o curso “A Formação do Professor de Português como Lín-

gua Estrangeira (PLE) como Avaliador e Elaborador de Materiais de Ensino: Teoria e Prática”, ministrado pelas Professoras Norimar Júdice (UFF) e Patrícia de Almeida (UFRJ), e que contou com elevado número de inscrições, suplantando o limite inicialmente estabelecido de 60 ouvintes, com a participação aberta e gratuita de professores de português de Buenos Aires e também de outras cidades, como Córdoba e Mendoza. Tais esforços têm estimulado o debate em torno de uma proposta educativa atualizada e moderna para o Centro.

O CCBA ainda promoveu, em outubro, a primeira etapa do I Concurso de Redação da Rede Brasil Cultural – “A Diversidade da Música Popular Brasileira”. Na competição local, a redação vencedora foi a da estudante Carolina Sánchez Tagle, aluna do Curso Intensivo Básico I, a qual, posteriormente, obteve o 3º lugar na competição entre todos os Centros Culturais Brasileiros.

As iniciativas realizadas nos primeiros meses de funcionamento do Centro dão conta do desafio de consolidá-lo como uma instituição de referência no panorama cultural da capital argentina. Para isso, a programação do CCBA no ano de 2014 buscará ampliar suas atividades não apenas numericamente, mas sobretudo nas mais diversas áreas de expressão cultural.

A Embaixada do Brasil em Buenos Aires continuará empenhada no firme propósito de fazer com que o Centro Cultural Brasil-Argentina (CCBA) colabore com a expansão da Rede Brasil Cultural e incremente o diálogo intercultural entre nossas duas sociedades.



Aurimar Nunes
Diplomata e Diretor do CCBA





Redações vencedoras do concurso: A Diversidade da Música Popular Brasileira

Em 2013, a Rede Brasil Cultural promoveu concurso de redação com o tema “A diversidade da Música Popular Brasileira”. Centenas de alunos de Centros Culturais e Núcleos de Estudos brasileiros redigiram textos sobre o tema. Em uma primeira etapa, o melhor texto de dezenove unidades foi premiado. Na segunda etapa, foram escolhidos os três melhores textos entre os vencedores de cada país. O resultado você confere a seguir: as redações vencedoras que foram redigidas por alunos dos Centros Culturais em Buenos Aires (3º lugar), Lima (2º lugar) e Helsinque (1º lugar).

3º Lugar

Carolina Sánchez Tagle

A Diversidade da Música Popular Brasileira

O dia chegou, fico nervosa, mas a ideia que vem rondando na minha cabeça de formar parte da história e da cultura dos brasileiros é tudo um desafio para mim.

Então me sento e não posso acreditar na quantidade de pessoas que esperam ouvir minha apresentação. Respiro e começo...

Bom dia! Agradeço a presença de vocês.

Eu sou a “Música Popular Brasileira” (MPB) e eu nasci em um país extenso em território e em natureza, onde a diversidade cultural permitiu minha origem.

Eu surgi no período colonizador brasileiro e as misturas das cantigas, fanfarras militares, dos sons africanos, das músicas religiosas e das músicas eruditas europeias contribuíram para o surgimento de quem está falando.

Nos séculos XVIII e XIX havia dois ritmos musicais: o lundú e a modinha. O primeiro era de origem africana e tinha uma batida rítmica dançante, enquanto o segundo era de origem portuguesa, que trazia uma melancolia e falava de amor. A partir da mistura desses dois ritmos, aparece um novo ritmo musical: o choro ou chorinho e, junto a ele, Pixinguinha, um cantor e compositor muito popular desse estilo.

Mais tarde começaram a surgir os primeiros nomes que foram parte da minha vida, por exemplo, Chiquinha, Joaquim Callado, Xisto Bahia, entre outros. Também se conheceu o primeiro samba que foi gravado, “Pelo Telefone”, composto por Donga e Mauro de Almeida.

Em fins dos anos 50, nasce a Bossa Nova, um estilo musical mais sofisticado e um tipo de samba mais lento. Os pioneiros desse estilo foram Vinicius de Moraes, João Gilberto e Antônio Carlos Jobim. Foram três personagens que conseguiram conquistar o coração dos Estados Unidos.

Minha popularização começou a ser ainda maior quando eu era escutada na rádio, dançada nos carnavais e assistida na TV quando organizavam festivais musicais.

O tempo foi passando e eu fui sofrendo mudanças nos meus diferentes estilos. A influência do exterior foi cada vez maior e experimentamos as décadas do rock, do punk.

Hoje, e concluindo um pouco, posso afirmar que meu desafio e sonho foram realizados! Formo parte do patrimônio cultural brasileiro e até cheguei a ser conhecida mundialmente.

Realmente me sinto orgulhosa das personagens que foram fruto meu, graças a eles eu ainda estou viva!

Que mais posso pedir?

Ah sim, eu desejo ser comemorada infinitamente...



2º Lugar

Fernando Cotignola

A Diversidade da Música Popular Brasileira

Baiana.

Renato não se achava naquela cidade, tudo parecia esquisito. Sentia saudade de sua família, seus amigos, Lima.

Os raios do sol penetravam através das janelas daquela padaria paulistana. Enquanto Juliana procurava impaciente onde sentar-se, ele não soube ignorar a presença dela e, fazendo um gesto com a mão, convidou-a para compartilhar sua mesa.

Apesar do murmurinho das mesas vizinhas, eles ouviam os acordes de “Apesar de você”, de Chico Buarque.

Renato, falando “portunhol”, perguntou: poderia me dizer quem é “você” nessa canção?, ela fez uma pausa, sorriu e respondeu: “a gente tem certeza que “você” era o ditador que oprimiu o povo brasileiro naqueles anos”. Aquela frase ficou gravada na memória dele.

A música popular brasileira e Juliana tornaram na inspiração que mudou a vida de Renato.

Ela, baiana, em seus momentos alegres preferia a música sertaneja, outras vezes preferia a companhia de música popular, suas letras, sua história.

A música era o vínculo que os mantinha juntos.

Renato ainda lembrava os sons do “cajón” peruano que tocava na Universidade de Lima e concordaram que a música africana e a miscigenação haviam inspirado os ritmos e a diversidade musical dos dois países.

Juliana falava de Luiz Gonzaga “o Rei do Baião” e sua canção “Asa branca”, que conta as dificuldades da vida no sertão. Também gostava da nova música sertaneja e do pagode, samba e carnaval. Ainda tentaram aprender capoeira ...

Adoravam ler Vinicius de Moraes, mas a bossa nova não era um ritmo que eles gostavam, possivelmente porque é politicamente inofensivo, cheio de melodias líricas e ternas, artístico, mas sem compromisso.

Finalmente encontraram as letras que levantaram as bandeiras da justiça social e de uma vida mais humana. Ela lia “Pedro Pedreiro” e logo sussurrou: “apesar de você, amanhã há de ser outro dia ...”E no dia seguinte, Renato queria saber quem é Geraldo Vandré, e juntos cantaram “Pra não dizer que não falei das flores”. Eles queriam conhecer tudo da música popular brasileira, por isso liam as letras e cantavam canções de Caetano Veloso, Tom Jobim, Gilberto Gil, Milton Nascimento, Maria Bethânia ...

Uma noite, compartilhando com amigos e ouvindo sambas e batucadas, Juliana dançava sozinha. Todos ficaram surpreendidos, ninguém escutava, ninguém precisava ouvir, ela era a música. Renato ficou sem ar. Todos os ritmos brasileiros estavam no corpo daquela baiana.

O que é que a baiana têm... têm graça como ninguém.





Fotografia: Hannu Hurme

1º Lugar

Lionella Saiz Sirainen

A Diversidade da Música Popular Brasileira

Nasci no Rio de Janeiro em 1976, e, a partir de 1978, morei na Argentina. Não me lembro daqueles primeiros anos no Brasil, porém a música popular foi uma “janela” que me permitiu ouvir e conhecer o “meu Brasil”.

Essa “janela musical” se abria nos anos seguintes a nossa chegada à Argentina. Lembro-me de meu pai trazendo os discos de vinil, colocava-os na vitrola e todos aguardávamos com ansiedade aquelas melodias. O ritual não era frequente e quando acontecia era um momento de prazer e saudades. daquelas músicas, lembro-me de uma mistura interessante de ritmos e letras do “Cotidiano” com “Você não entende nada” que cantam Caetano Veloso e Chico Buarque sobre a convivência e as rotinas maritais. Lembro-me também da música “Cálice”, do Chico Buarque, um começo ingênuo e um final intenso e agressivo, coroado pelo “Cale-se”. A música era também uma forma de protesto. Ouvíamos também músicas conciliadoras com mensagens de esperança como: “Canta, canta minha gente” do Martinho da Vila.

Quando os nossos amigos nos enviavam fitas com as novidades da música brasileira, abria novamente a janela e descobria como a música e o país iam se transformando. Nessas fitas, descobri o Cazuza com uma música mais moderna e com a presença do rock. Conheci a Legião Urbana e o casal “Eduardo e Mônica”, que deixavam ver uma mudança no espaço que a mulher brasileira começava a ter no mundo moderno.

1999 foi um ano difícil, foi o fim de nossa tribo. Precisava de uma reengenharia e pensei em receber o novo milênio no Rio. Nessa viagem, conheci o Brasil “real”, as pessoas, os cheiros, os sons da natureza; e descobri novos artistas que me cativaram como a Marisa Monte, Elis Regina, Adriana Calcanhotto, Tribalistas...

No ano 2003, decidi morar no Brasil. Morei três anos lá, nos quais renasci. Achei aquela “Força estranha”, do Caetano Veloso.

Atualmente moro na Finlândia e abro a minha janela musical no Curso “Cantando com a Música Brasileira”.

A diversidade da música popular brasileira é um caudal de ritmos, instrumentos, poesias e etnias que se fundem para criar uma harmonia própria e melodias mais enriquecidas. As letras acompanham falando com simplicidade sobre as realidades da vida e, assim, conseguem integrar um público diversificado.

Como motivo desta redação, reabri a minha janela musical. Fiz uma nova seleção de canções que ouviremos e cantaremos em família.

Créditos

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

www.itamaraty.gov.br

redebrasilcultural.itamaraty.gov.br

Ministro de Estado

Embaixador Luiz Alberto Figueiredo Machado

Secretário-Geral das Relações Exteriores

Embaixador Eduardo dos Santos

Subsecretário-Geral de Cooperação, Cultura e Promoção Comercial

Embaixador Hadil Fontes da Rocha Vianna

Departamento Cultural

Ministro George Torquato Firmeza

Divisão de Promoção da Língua Portuguesa

Secretário Jorge Luiz Vieira Tavares

Secretário João Domingos Batiston Bimbato

Secretário Thiago Antônio de Melo Oliveira

Oficial de Chancelaria Rose Marie Romariz Maasri

Oficial de Chancelaria Caroline Carvalho Pimentel

Projeto Gráfico

Jane Vita

Chico Spencer

Brasília, 2014

Agradecimentos

A Divisão de Promoção da Língua Portuguesa do Ministério das Relações Exteriores gostaria de agradecer, inicialmente, a todos os articulistas que tão gentilmente cederam o material reproduzido nesta publicação.

Nosso muito obrigado também ao Embaixador Norton de Andrade Mello Rapesta, ao Secretário Pedro Henrique Moreira Gomides e à Senhora Maila-Kaarina Rantanen.

Esta é uma publicação do Departamento Cultural do Ministério das Relações Exteriores. Os autores são exclusivamente responsáveis pelas opiniões veiculadas nos artigos, que não necessariamente refletem a posição do Ministério das Relações Exteriores.

Distribuição gratuita - Venda proibida

Índice de imagens

Na seção “Paraguai”: 1) Prédio do Núcleo de Estudos Brasileiros, em Assunção; 2) Leitora Terezina Machado da Silva e alunos do Colégio Experimental Paraguai-Brasil.

Na seção “Cursos”: 1) Crianças participam de atividade no Centro Cultural Brasil-Finlândia.

Na seção “Suíça”: 1) Professora Maria Luisa Ortíz orienta mães e pais, em Zurique, sobre a transmissão do português como língua de herança.

Na seção “Líbano”: 1) Aula de canto no Centro Cultural Brasil-Líbano, em Beirute.

Na seção “China”: 1 e 2) Alunos da Leitora Larissa Costa da Mata, em Pequim.

Na seção “Portugal”: 1) Reitora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira na Conferência de Lisboa.

Na seção “Argentina”: 1 e 2) Entrega de diplomas a alunos do Centro Cultural Brasil-Argentina.

Na seção “Concurso”: Embaixador do Brasil em Helsinque, Norton de Andrade Mello Rapesta entrega o prêmio à vencedora global do concurso, Lionella Saiz Sirainen.



**REDE
BRASIL
CULTURAL**

Ministério das
Relações Exteriores

G O V E R N O F E D E R A L
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA



BUENOS AIRES



SÃO DOMINGOS



SÃO SALVADOR



MÉXICO



BEIRUTE

**REDE
BRASIL
CULTURAL**



redebrazilcultural.itamaraty.gov.br



HELSINQUE



ROMA



BARCELONA



PORTO PRÍNCIPE



GEORGETOWN